



## **O Saco de Maldades<sup>1</sup> Neoliberal e a Ginástica Cotidiana do Salve-se quem Puder e do Cada um por si e Deus por todos**

*(...) Não tenho idéia nenhuma de como será o futuro. Serão outros valores, outra forma de entender. Mas aquilo que queria que não se perdesse, o que, do meu ponto de vista, é um valor fundamental, é o respeito pelo outro. Mas os indícios não apontam a esse respeito, pelo contrário. (...) E a realidade de fato não dá grandes motivos para ser otimista, pelo contrário. Aliás, eu digo que, quanto mais pessimistas haja, melhor. E por uma razão muito simples: para os otimistas, o mundo está ótimo e,*

*portanto, eles não querem mudar o mundo. São os pessimistas que querem mudar o mundo.<sup>2</sup>*

A revista Motrivivência completa, em 1998, **10 anos de existência**. Durante todo esse trajeto, tem se constituído num espaço relativamente democrático e isto pode ser confirmado pelos seus colaboradores e leitores, que vão desde estudantes de graduação até pesquisadores experientes e reconhecidos pelas suas produções. Neste tempo, percorreu as estradas e as largas avenidas da ousadia

<sup>1</sup> Expressão atribuída à Gustavo Franco, Diretor do Banco Central, enquanto um dos mentores das medidas econômicas (aumento de Imposto de Renda, dos preços, viagens ao exterior, serviços públicos, cortes de bolsas de estudo e previdência) empurradas de goela à baixo após a queda da Bolsa que provocou o *Crash Global*, repercutindo assim de maneira perversa na economia nacional. O referido pacote desencadeou e acirrou mais ainda o quadro de miserabilidade, antes já posto, das classes trabalhadoras pobres e espoliadas, vítimas também de planos de ajuste econômicos anteriores. A caixa ou saco de maldades ao ser aberto maculou mais ainda a especulação globalizada dos chamados *capitais especulativos*, premiando-os com o dobro da remuneração da taxa de juros. Tais efeitos geraram então, a alta de preços interna, impulsionando desta forma a já deflagrada recessão. Folha de São Paulo (02/11/1997, p. 1-7).

<sup>2</sup> Palavras do escritor português José Saramago em entrevista à Folha de São Paulo (18/11/1997, p. 04-09, *Ilustrada*), por ocasião do lançamento do seu mais recente romance intitulado *Todos os nomes*. São Paulo : Cia. das Letras, 1997.

e do risco na produção/veiculação do conhecimento crítico acerca da Educação Física, Esportes e Lazer. Em contrapartida, teve que buscar, nessa aventura científica, as pistas e as brechas, por entre os percalços tortuosos das estradas vicinais da luta cotidiana pela sua emancipação; da resistência e da sua sobrevivência material, no seio de uma instituição pública cheirando a sucata e a privatização. Pelo exposto, é com grande orgulho, utopia e vontade de desbravar o futuro que, acreditamos termos motivos de sobra para celebrarmos esta modesta conquista que não é terminal, mas, em permanente movimento e construção.

Afora os motivos evocados nas linhas acima, não tivemos muitos outros para comemorarmos neste desenlace de 1997. Durante o ano que finda, *perdemos Paulo Freire*, o nosso paladino-mor da *Pedagogia do Oprimido*; o sociólogo *Betinho*, o nosso guerreiro indignado *contra a fome e a miséria*; o nosso índio *Pataxó Galdino*, um dos poucos remanescentes das nossas nações indígenas, em chamas. Além destes, perdemos *o Daniel P. de Araújo*<sup>3</sup>, o nosso grande/pequeno representante da criança brasileira carente de infância.

No decorrer deste ano, não houve clima para festejar o *Dia do Índio*, em

virtude da violência contra o *Galdino*. Tão pouco para festejar no *Dia do Professor*, cujo salário é cada vez mais degradante e pífio. Não pudemos celebrar de sua consciência o *Dia da Criança*, afinal cresce a cada dia a barbárie contra crianças sob a égide dos maus-tratos: violência sexual, prostituição e exploração do trabalho infantil. Foi impossível comemorar o *Dia do Idoso*, tratados em sua grande maioria pela previdência social como entulhos, mercadoria e descartados da possibilidade de dignidade e cidadania. Não houve também motivação para cantarmos loas ao *Dia da Árvore*, pois cresce cada vez mais a fúria capitalista pela deterioração do meio ambiente: extinção dos animais silvestres, aumento das queimadas, poluição nos mananciais hídricos, aumento da camada de Ozônio proporcionada pelo *efeito-estufa*, desmatamento da Mata Atlântica, região amazônica e outros rincões do Brasil e do planeta<sup>4</sup>. O que se vê na realidade é um grande alarde sobre um decantado crescimento econômico, aliado à defesa da biodiversidade ou desenvolvimento autosustentado. Enquanto isso, a retórica da *exploração não predatória* continua seu curso provocando perdas irreversíveis das nossas florestas. Enfim, não houve motivos para enaltecer os Direitos Humanos, pois continua a violência contra refugiados, minorias étnicas, mulheres, homossexuais, índios e outros<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Daniel, 15 anos, morador da favela São Remo vizinha à USP. Foi encontrado morto, provavelmente assassinado pelos seguranças da USP na raia de remo. A fatalidade aconteceu quando ele usufruía das horas de lazer. Neste sentido é que questiona-se o *direito de brincar da criança*, a democratização dos espaços urbanos para os lazeres infantis, bem como a relação universidade-sociedade.

<sup>4</sup> Boletins do Greenpeace, set/out. 1997. (...) *geladeiras destróem a camada de ozônio e esquentam o planeta*. (Dez. 1997).

<sup>5</sup> Boletins da Anistia Internacional, março a dezembro de 1997. A *Declaração dos Direitos do Homem* foi comemorada no dia 10-12-1997.

Em 1997 sentimos na pele, no bolso, no corpo, nas relações sociais, no trabalho, na escola, na Universidade e no lazer, os sinais de exaustão, crise e falência do modelo neoliberal. Modelo considerado pelos seus ideólogos como o epicentro do suposto *fim da história*, das ideologias e das utopias, como um mensageiro da paz, progresso e prosperidade, além de um arauto da diminuição das desigualdades econômico-sociais através do advento da revolução tecnológica<sup>6</sup>.

O que vimos na realidade foi um crescimento das diversas formas de exploração humana sob os auspícios da globalização (trabalho infantil, prostituição generalizada, trabalho escravo). Além do mais, uma tara incontida pelas privatizações do patrimônio público (Vale do Rio Doce, sucateamento acelerado das universidades públicas, saúde, comunicações e outros bens e serviços, o enxugamento do estado cada vez mais mínimo e onipresente!), a abertura de mercados<sup>7</sup> e o conseqüente endeusa-

mento deste, concessões de serviços públicos a firmas particulares, em suma, um fortalecimento da propriedade privada.

Estas cenas conjunturais da ordem brasileira e internacional são o retrato da modernidade, na qual a Globalização<sup>8</sup>, coerente e fiel aos seus pressupostos neoliberais, deixa rastros de exclusão, exploração e miséria absoluta. Produz com grande eficácia, simultaneamente, opulência para os ricos e fome e miséria para a maioria da população. Deste modo é que governos, aqui e alhures, sobretudo nos países do Terceiro mundo, mas não exclusivamente, promovem, perpetuam e acentuam a má distribuição da riqueza, da renda e da terra, deixando amalgamada uma grande dívida social já institucionalizada em séculos anteriores.

Continuando nosso olhar sob 1997, podemos constatar: o uso do discurso demagógico e banalizado de uma *cida-*

<sup>6</sup> FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>7</sup> Um exemplo dos efeitos da Globalização pela via da abertura dos mercados é a utilização da mão-de-obra infantil no Brasil e em todo o mundo. A variedade de atividades que envolvem a mão-de-obra infantil é imensa, assim é que milhares de crianças do Paquistão trabalham na confecção de bolas de futebol que são exportadas para o Brasil e outros países. O país colabora com 85% da produção mundial de bolas de futebol. Na última Copa do Mundo, nos EUA, o Paquistão produziu 35 milhões de bolas. Folha de São Paulo, 29/11/97.

<sup>8</sup> A Globalização é compreendida de diferentes formas e à partir de diferentes posições epistemológicas, dada a complexidade de sua análise. No debate atual pode ser concebida como uma formação social globalizante, uma configuração geo-histórica, social, econômica, política e cultural contraditória, ainda pouco conhecida em sua anatomia e em sua dinâmica (Ianni, Otávio (Org.) *Modernidade, Globalização e Exclusão*. São Paulo: Ed. Imaginária, 1996, p. 13-58). O conceito controverso da Globalização é ainda cognominado de *mundialização* ou *internacionalização*. Para os seus críticos ferrenhos possui efeitos predatórios, enquanto uma forma de exploração capitalista. Para alguns de seus entusiastas e adeptos do neoliberalismo ela define uma nova era *irreversível* da história humana, apesar dos estragos que vem causando em termos de exclusão social. Folha de São Paulo, *Caderno especial: Globalização*, 02/11/97, p. 01-12. Ver ainda Caggiola, Osvaldo (Org.). *Globalização e Socialismo*. São Paulo : Xamã, 1997.

<sup>9</sup> *Triplica o número de pobres no mundo*. Folha de São Paulo, 17/10/1997.

*dania, plena e digna*, as promessas neoliberais por *mais emprego*, desenvolvimento social, Educação, melhores patamares de vida etc. No entanto o que se vê são os batalhões de subcidadãos indigentes: sem-terra, sem-educação, sem-justiça, sem-infância, sem pleno-emprego.

Abrindo o *saco de maldades* noticiado pela mídia<sup>9</sup> local e internacional, vimos que:

- segundo a ONU, o número de pobres triplicou em 50 anos e chega a 1,3 bilhão de pessoas, pouco superior à população da China e equivalente a 22,8% do total mundial (5,7 bilhões de pessoas);
- em 1947, o total de pobres correspondia a cerca de 17,4% da população mundial e, no mesmo período, as riquezas mundiais cresceram sete vezes, e o número de ricos dobrou, ampliando as desigualdades sociais;
- os 20% mais pobres do mundo detêm só 1,1% das riquezas, e a subnutrição afeta 840 milhões de pessoas;
- 1,3 bilhões de pessoas sobrevivem com menos de US\$ 1 por dia, correspondendo a 22,8% da população mundial;
- segundo dados da OIT<sup>10</sup>, aproximadamente 1 bilhão de pessoas estão desempregadas e/ou exercendo tarefas precarizadas, ou seja, uma plêiade de homens e mulheres que estão sem contrato e vínculo permanente de trabalho, jornadas exaustivas e o que se convencionou hoje chamar de emprego temporário ou *par-time*. Este tipo de trabalho provisório, representa na prática a morte dos direitos trabalhistas conquistados nas últimas seis décadas e a proliferação dos direitos precarizados. O contrato de trabalho por prazo determinado provoca o desemprego e a precarização das relações de trabalho, na medida em que estimula a troca de trabalhadores contratados formalmente por uma legião com data marcada para perder o seu emprego.

A *modernidade* neoliberal está mais próxima da infância bestial do capitalismo do que da *racionalidade* utópica, cuja prática continua sendo levada a

<sup>10</sup> ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralização do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez, Campinas, SP, 1995.

Gorz, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1982.

<sup>11</sup> Subcomandante Marcos (EZLN) Exército Zapatista de Libertação Nacional/ Chiapas – México. *Por que Combatemos ?*. Folha de São Paulo, Caderno Mais !, 05/10/1997, p. 5-4 e 5-6. Ver ainda com relação às crianças brasileiras, segundo o IBGE: *2,7 milhões de crianças de 10 a 17 anos só trabalham e 1 milhão da mesma idade procura emprego*. Isto significa dizer que *40% das crianças do país são pobres*. (...) *Pelo menos 19,8 milhões de crianças brasileiras com idade de 0 a 14 anos vivem em famílias consideradas pobres, cuja renda mensal é de até meio salário mínimo (R\$ 60,00) por pessoa da família*. (Folha de São Paulo, 18/11/1997, 3º Caderno, p. 6). No que concerne a mortalidade infantil o retrato é o seguinte: Brasil é o 110º em mortalidade infantil entre as nações pesquisadas pelo UNICEF em seu *Relatório Mundial da Infância 98* (...) *De suas atuais 15,6 milhões de crianças com menos de 5 anos, o Brasil tem 1,6 milhão (10,5%) com desnutrição crônica*. Folha de São Paulo, Cotidiano, p.3-6, 17/12/1997.

<sup>12</sup> *Vejam a mansão de US\$60 milhões de Bill Gates*. Frei Betto. Folha de São Paulo, 02/11/1997.

<sup>13</sup> Subcomandante Marcos, op. cit.

cabo, a partir da *Exploração do Trabalho Infantil*. Existem mais de 1,5 bilhão de crianças no mundo e, pelo menos, 100 milhões vivem nas ruas, e 200 milhões trabalham – e serão, segundo as previsões, mais de 400 milhões no ano 2.000<sup>11</sup>.

O total de seres humanos é de 5 bilhões, dos quais 500 milhões vivem confortavelmente; 4,5 bilhões padecem de pobreza. No que tange à acumulação de riqueza: os ricos<sup>12</sup> compensam sua inferioridade numérica graças a seus bilhões de dólares. Só a fortuna das 358 pessoas mais ricas do mundo é superior à renda anual da metade dos habitantes mais pobres do planeta, quer dizer por volta de 2,6 bilhões de pessoas<sup>13</sup>.

Os dados acima reafirmam a atmosfera de mal-estar e frustração social gerada pelo *Horror econômico* neoliberal, veementemente denunciado por Viviane Forrester. Este se caracteriza pelo crescimento da pobreza, *destruição das forças produtivas*, precarização das relações de trabalho, difusão desigual das tecnologias e deteriorização do patrimônio ecológico.

Estamos vivendo a *sociedade do desemprego* que vem crescendo de forma avassaladora em todo o mundo. Este fenômeno atingiu em cheio a classe-que-vive-do-trabalho, tendo repercussões na subjetividade, afetando a materialidade da vida operária. A chamada reestruturação produtiva *substitui o cronômetro e a produção em série e de massa* (Fordismo) pela *especialização*

*flexível*, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado<sup>14</sup>. Por conseguinte, o retrato falado do cotidiano é (...) *De um lado, uma massa crescente de desempregados permanentes; de outro, uma aristocracia de trabalhadores protegidos; entre os dois, um proletariado de trabalhadores precários, que cumprem as tarefas menos qualificadas e mais ingratas*<sup>15</sup>.

As pesquisas indicam que a clivagem de renda entre trabalhadores qualificados e não qualificados vai aumentar nos próximos dez anos. O que significa dizer que a diferença salarial entre os dois grupos deve chegar a 39,3%, com a renda de quem tem qualificação aumentando 61% e o dos trabalhadores desqualificados expandindo-se apenas 37%<sup>16</sup>.

A década de 90 é marcada por grande ceticismo, denúncia e indignação por parte dos críticos do neoliberalismo e a reestruturação produtiva do mundo do trabalho. A maioria deles vem tentando desbancar as *promessas neoliberais* em torno das previsões da diminuição das desigualdades econômico-sociais ocasionadas pelo advento das novas tecnologias, além do futuro dos empregos. Nesta linha de raciocínio é que **Robert Kurz**<sup>17</sup> afirma que são falsas as promessas do neoliberalismo de resolver os problemas da exclusão social e do desemprego causados pela Globalização. E acirra a sua crítica: (...) *O neoliberalismo faz propaganda enganosa da esperan-*

<sup>14</sup> ANTUNES, op. cit.

<sup>15</sup> GORZ, op. cit.

<sup>16</sup> *Trabalhador qualificado perde renda*. Correio Brasiliense, 30/10/1997.

<sup>17</sup> *O Colapso da Modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ça, prometendo trocar o sofrimento de hoje pela prosperidade de amanhã. Segundo ele, não se deve imaginar que os empregos que estão eliminados pela Globalização serão recuperados rapidamente. Isto porque a terceira revolução industrial, provocada pela microeletrônica e pela informática, tornou acelerado o processo de racionalização e automação da produção.

Outro crítico do projeto neoliberal **Jeremy Rifkin**, em seu livro *O Fim dos Empregos*<sup>18</sup>, continua a investida crítica dizendo que (...) *A terceira revolução vai criar poucas e novas oportunidades de emprego, mas para uma elite bem paga e qualificada. Os dias de oferta de emprego em massa acabarão*<sup>19</sup>. Assim é que, se não houver uma política de geração de empregos, distribuição equitativa da renda, da riqueza e da terra, estaremos todos condenados a prender os pobres nas favelas e os ricos em mansões fortificadas<sup>20</sup>. Nesta mesma lógica, o urbanista francês **Paul Virgílio** nos adverte (...) *No século 21, teremos os sedentários, que em qualquer lugar estarão em casa, seja na rua com o laptop, o celular... e teremos os nômades, que não estarão em casa, em lugar nenhum*<sup>21</sup>.

**Viviane Forrester**<sup>22</sup>, em seu livro *O Horror Econômico* expressa também o

repúdio contra as mentiras e a ficção do neoliberalismo acerca das promessas de geração de novas oportunidades de emprego. Seu discurso é um libelo contra a ditadura do economicismo neoliberal, cujo teor revela a angústia das sociedades qualificadas como desenvolvidas, acostumadas com o Welfare State, com as altas taxas de crescimento, pleno emprego, seguro desemprego, previdência social e equilíbrio social. Estas sociedades enfrentam, pela primeira vez em 50 anos, uma série de problemas para os quais não estava preparada ou *supunha* já resolvidos: desemprego, exclusão social, miséria crescente e um futuro sem grandes perspectivas. Segundo a autora, os efeitos nefastos da política do FMI e do Banco Mundial impõem aos governos políticas recessivas, cujo resultado é a desgraça das populações. O horror econômico é, em suma, a ameaça de nos tornarmos todos inúteis e sermos descartados pelo sistema, a tal ponto de não sermos mais explorados pelo patrão, não sermos mais seres exploráveis<sup>23</sup> e descartados do fluxo produtivo<sup>24</sup>.

Após as reflexões e críticas apresentadas até então, urge pois, os caminhos e descaminhos de profissiona-

<sup>18</sup> São Paulo: Ed. Makron, 1997.

<sup>19</sup> Ibidem. Folha de São Paulo, Opinião, p. 1-3, 14/09/97.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 28/09/1997.

<sup>22</sup> op. cit.

<sup>23</sup> Grifos meus.

<sup>24</sup> Ibidem. A título de ilustração e exemplo da repercussão das novas tecnologias no mundo do trabalho, pode-se lançar mão da questão da *mecanização no campo*. Na cana-de-açúcar em São Paulo, durante esta safra, 40 colheitadeiras entram em operação no interior paulista; desde 1994, 19 mil vagas foram canceladas. Em consequência disso ocorre migrações para a periferias das médias e grandes cidades, nas quais os trabalhadores são forçados a enfrentar o desemprego, subemprego, fome, prostituição, miséria absoluta. Folha de São Paulo, 2/11/1997.

lização da chamada Educação para o Trabalho. É preciso um debate permanente em torno dos efeitos da LDB sob a formação dos trabalhadores pertencentes às classes populares. É preciso também um amplo debate democrático sobre a implantação do currículo nacional mínimo, imposto pelo atual governo sob o falso rótulo de PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>25</sup>. Esta questão requer o engajamento dos intelectuais comprometidos com uma crítica exaustiva ao capitalismo e uma conseqüente intervenção nas políticas públicas vigentes. Essa mobilização é fundamental sobretudo num momento em que a racionalidade técnica e a lógica dos mercados invadem as escolas e universidades pela via dos currículos.

A discussão sobre a qualificação dos trabalhadores, ou melhor, de que tipo de profissionalização/qualificação, impõe-se de máxima urgência, uma vez que as novas tecnologias repercutem na morte de antigas tarefas e habilidades. Está cada vez mais distante a possibilidade de experiências de um trabalho considerado em sua positividade. De um trabalho que seja, ao mesmo tempo, recriação de si próprio, da natureza e da vida. Deste modo é que vemos esfumarem-se os nossos talentos, sonhos e desejos. E tudo isso em nome das *novas qualificações*, impostas pelo mercado que, termi-

nam por comprometer a formação omnilateral<sup>26</sup> do indivíduo, comprometendo ainda a identidade do sujeito com o processo e produto do seu labor, da sua obra. Em suma, o sujeito deixa de realizar tarefas que poderiam justificar a construção de sua condição humana no processo produtivo, experimentando de forma excludente o trabalho alienado.

A Motrivivência, com a temática Educação Física, Globalização e Profissionalização, enseja trazer à tona questões da seguinte ordem:

- *As incidências, conseqüências e repercussões da Globalização (econômica, cultural, ética, política e social) sob a cultura corporal;*

- *O futuro dos empregos na área da Educação Física, Esportes e Lazer, considerando o desemprego estrutural, a desvalorização da profissão de professor em geral e especificamente do professor de Educação Física;*

- *O processo de formação, profissionalização e qualificação do professor de Educação Física no âmbito dos currículos das IEs: a sedução da lógica de mercados ou a construção de resistências?*

Com o propósito de suscitar, aprofundar e levantar outras reflexões acerca de uma problemática tão complexa e polêmica, convidamos os colaboradores, a saber:

<sup>25</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Org.) Capela, Paulo (apresentação) *Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 05-10.

<sup>26</sup> O conceito de *homem omnilateral* é compreendido como o oposto do *homem alienado*, ou seja, subentende um desenvolvimento total, completo multilateral, em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade de sua satisfação (MANACORDA, Mario A. Marx, e a Pedagogia Moderna. São Paulo : Cortez Ed. Associados, 1991).

• **Faria Júnior** – discute algumas conseqüências do ideário neoliberal e da Globalização da Educação Física, examinando a influência do Marketing esportivo, a profissionalização, a formação profissional e a regulamentação da profissão;

• **Bitencourt** – instiga-nos sobre como a Globalização centrada na cultura do consumo ganha espaço e cria um mundo de imagens, nos quais sonhos e realidade confundem-se;

• **Morales Pinheiro** – traz uma reflexão sobre a realidade e perspectivas da Educação Física e Cultura corporal no contexto da Globalização e do Neoliberalismo;

• **Nerys Silva** – escreve sobre as influências da nova cultura do trabalho, que acompanha a reestruturação produtiva, sobre as políticas educacionais e os impactos da organização do trabalho escolar;

• **Müller** – reflete acerca da Globalização e sua incidência sobre o campo dos esportes e das práticas corporais, mundialmente revestidas com o brilho e o glamour dos bens de consumo;

• **Carvalho** – apresenta uma contribuição teórica à compreensão da relação indissociável entre a base econômica e as instâncias ideológicas (mormente o desporto) de uma sociedade;

• **Pires** – estabelece as primeiras aproximações com o estudo da cultura esportiva inserida no processo de Globalização, que leva à constituição de uma cultura mundializada, produzida através da ação da indústria de comunicação de massa.

Na sessão **Ponto de Vista**, inquirimos os autores com a seguinte interrogação: **A Globalização sedutora e o profissional de Educação Física seduzido: onde chegaremos com esse encanto?**

E **Assis** responde-nos com o seguinte desafio: **A sedução pelo avesso: superar o individualismo e globalizar a solidariedade.** Já **Escobar** busca outras trilhas para responder, situando o debate em torno das posições assumidas pelos intelectuais da Educação, especialmente face aos problemas sócio-educacionais decorrentes do modelo neoliberal de desenvolvimento imposto ao país.

No ponto de vista dos relatos, a sessão **Experimentando** traz o relato de uma experiência de expressão corporal com professores do MST, de autoria de Simone Vione Schwengber et alii, intitulado **Educação Física para a Emancipação dos Corpos Sujéticos.** Traz ainda o cotidiano vivenciado pelo Grupo de Trabalhos Ampliados de Educação Física sobre a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Capela** et alii são os signatários do texto sob o título: **O significado da experiência de Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais.**

O espaço **Grupos de Estudo** foi enriquecido com a presença dos goianos **David, Mascarenhas e Rodrigues**, que têm por objetivo divulgar um projeto de capacitação docente em Educação Física e cujo pressuposto teórico é a concepção dialética do método participativo.

Se até agora não foi possível **tomar ciência** em torno do que está acontecen-



Dezembro, 1997

do no mundo globalizado, então, **Cientifique-se!** Nesta sessão **Vieira e Tavares** descrevem *A dança e os indivíduos portadores de lesão medular. Dalmagro*, com ares de cio da terra, planta a semente com a *Educação Física das crianças sem-terra: na luta pela garantia do lúdico*.

Quando as portas começam a se fechar, vem a **Porta Aberta**. E é aí que **Taffarel** com determinação e veemência deixa um recado político para estudantes e professores: **Lutar para vencer**. Em seguida **Grunnenvaldt** dá um retorno para a sociedade com base na sua dissertação de mestrado cognominada de **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época**. Finalmente, é **Retondar** que se despede ludicamente, deixando as portas abertas para os próximos números com o tema **Jogo: diálogo do homem com o invisível**.

Na epígrafe que abriu este editorial **Saramago**, diz que *são os pessimistas que querem mudar o mundo*. Segundo ele *o capitalismo impera e até agora não tem adversário*. E acrescenta que

*isto não significa entrar no que seria o último grau de pessimismo, tão pouco pensar que será sempre assim.*<sup>27</sup> Tanto é verdade que temos, em todo o mundo, movimentos de resistência dos trabalhadores, cada vez mais organizados (ex.: MST no Brasil e ELZN em Chiapas no México) na luta contra o pó de miséria deixado pelo neoliberalismo.

Finalmente é urgente e iminente nas palavras de **Tarso Genro**: (...) *Um novo tipo de consciência social, estimulada pela solidariedade, que se traduza em atos concretos vivenciados pelas pessoas em seu cotidiano, pode gerar uma nova política. Ela teria outra densidade ética capaz de transformar a cultura política manipulada da ordem global numa cultura de resistência e mudança. A história já conheceu períodos semelhantes. E ela não terminou*<sup>28</sup>.

(...) *O que não me mata,  
me deixa mais vivo.*

(Akira Kurosawa)

*O editor.*

<sup>27</sup> Op. cit. Os termos *pessimismo* e *otimismo* estão carregados respectivamente dos sentidos da *resistência/utopia* e *conformismo*. (...) O termo *otimismo* surgiu na primeira metade do século 18, para designar a doutrina de Leibniz (1646-1716) de que é o melhor dos mundos. (...) O *pessimismo*, posterior, que trouxe o conceito de *Weltschmerz*, dores do mundo, capacidade de sentir as feridas da condição humana. (Folha de São Paulo, ilustrada, p. 4-9, 22/11/97).

<sup>28</sup> Genro, Tarso. *Globalização e Crise Política*. Folha de São Paulo, Sessão Tendências e Debates, p. 1-3, 25/03/1997.

